

Boletim

Nº 1.986 - Ano 43 - 17 de julho de 2017



Criação Roger Sander/ Cedecom

INVERNO, AOS 50

Na edição que comemora seus 50 anos de fundação, o Festival de Inverno da UFMG vai reforçar seu caráter experimental e acadêmico. O evento, que será realizado de 28 de julho a 5 de agosto, terá atrações em espaços públicos da cidade e da UFMG, como a cantata cênica Carmina Burana, montada pelo Núcleo de Música Coral da UFMG.

Páginas 4 e 5

UFMG acolhe escritor congolês refugiado

Página 3

O BOLETIM volta a circular em agosto

ESCRavidÃO CONTEMPORÂNEA

Alexandre Francisco Braga*

O cenário de precarização das relações do trabalho no Brasil veio no bojo da perda do projeto socialista referendado na emancipação humana e na ascensão dos programas neoliberais na economia e na sociedade, na década de 1990. As mudanças, no campo gerencial e no parque industrial, também contribuíram para esse contexto, visto que a opção pela modernização retirou milhares de postos de trabalho.

À guisa de conhecimento, somente no setor bancário, o número de postos caiu de 732 mil, em 1990, para 393 mil, em 1999, o que implica redução da ordem de 46,3% e de 25% de queda na área industrial. Em 1991, 42% dos trabalhadores estavam sem carteira de trabalho ou eram autônomos. Além disso, o medo de perder o emprego levou o trabalhador e sua representação política a estabelecerem uma relação de inferioridade diante das propostas feitas pelos empregadores.

Essa inquietação se reflete também naquelas situações já positivadas pelo poder público e, portanto, protegidas pela Lei. De acordo com o estudo *Justiça em números*, realizado pelo Conselho Nacional de Justiça, tramitam 99,7 milhões de processos nos 90 Tribunais brasileiros, sendo 70,8 milhões de processos pendentes e 28,9 milhões de novos casos que chegaram às cortes do país no ano de 2014. Desses, 39,4% se referem exclusivamente às causas trabalhistas. Além dessa inquietação pela possibilidade da perda do emprego formal, há, entre a classe trabalhadora brasileira, o temor provocado pela baixa resolutibilidade da Justiça do Trabalho.

Nessa perspectiva, a nova organização do trabalho, oriunda das reformas estatais que caracterizam os anos 90 (Fordismo, Taylorismo, reforma gerencial, Consenso de Washington), exige mudanças e adaptações do mundo laboral às exegeses do mercado de trabalho, como a precariedade, flexibilização das jornadas, desregulamentação legislativa,

adesão aos contratos temporários e informais e, mais recentemente, a transformação dos empregos de carteira assinada em contratos via Pessoas Jurídicas (PJ's) sob regime de terceirização ou empreendedores sociais.

Essas posturas nos remetem às lembranças do nosso passado escravista. De acordo com a Free Foundation (2014), há, no Brasil, mais de 155 mil pessoas vivendo sob o regime de escravatura moderna. Portanto, sem a intervenção da justiça trabalhista, seria quase impossível identificar e punir os empregadores que cometem esse tipo de crime, principalmente, porque as ações, realizadas em consonância com protocolos internacionais, têm parcerias com demais entidades da Administração Pública e possibilitaram manter e atualizar a "lista suja" do trabalho escravo. Vale recordar que o Brasil não foi o último país a abolir a escravidão, pois depois dele o fizeram Coreia (1894), Irã (1928), Nepal (1921), Etiópia (1942), Catar (1962), Omã (1970) e Mauritânia, em 1980, porém, informalmente, um outro tipo de escravidão deve voltar a assombrar nosso processo produtivo e nossas relações de produção com a aprovação, pelo Congresso Nacional, da proposta de reforma trabalhista levada a cabo pelo governo de Michel Temer.

Em nossa compreensão, os artigos 611 e 620 da Lei 6.787/2016 (reforma trabalhista) tiram poder de negociação dos sindicatos de categorias e jogam peso nos acordos celebrados em detrimento de diversos estatutos jurídicos já consagrados pelo ordenamento nacional, entre os quais a própria Consolidação das Leis do Trabalho, de 1943. A proposta ora aprovada, além de enfraquecer a sindicalização dos trabalhadores e trabalhadoras, lesiona os dispositivos da Convenção da OIT nº 87, que ainda não foi ratificada pelo Brasil. Claramente, o peso político de uma organização sindical não pode ser comparado ao de uma comissão de empregados, pois aquela tem uma es-

trutura e um nível de influência maior que essa comissão proposta pela nova legislação votada no Congresso Nacional.

Na obra *A ideologia alemã*, de 1847, Karl Marx e Friedrich Engels falam de uma gigantesca parcela da humanidade que vive como massa totalmente "destituída de propriedade" que se encontra em contradição com um mundo de riquezas e de cultura. É dessa massa desvalida que estamos falando como classe proletária, obrigada a se vender cada vez mais barato, no mundo do trabalho. De acordo com o professor Ricardo Antunes, da Unicamp, "o senhor comprava escravo e agora aluga o trabalhador assalariado". Essa escravidão moderna guarda laços e *modus operandi* assemelhados e rejeitados na sociedade, mas que ainda voltam a ser praticados de forma sutil, quase imperceptível nos contratos de trabalho. Essa nova forma de escravidão se caracteriza justamente pelo poder da sutileza em que se dão as relações trabalhistas em nossas terras – relações desreguladas, desregulamentadas, à mercê da pouca possibilidade de êxitos negociais dos trabalhadores e trabalhadoras frente ao domínio dos patrões e das novas modalidades contratuais no mundo do trabalho. E, obviamente, não vai constar na legislação a escravidão ainda existente no Brasil, uma vez que isso iria contra as convenções obreiras internacionais, as quais ratificamos, assim como o próprio artigo 149 do Código Penal brasileiro.

Isso posto, a superação da atual crise do trabalho e sua recente formatação, como escravidão moderna, só se dará a contento com a construção decisiva da emancipação humana, sob os auspícios de uma sociedade que dê fim às contradições inerentes à sociedade capitalista.

*Estudante de graduação em Ciências do Estado na Faculdade de Direito da UFMG

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou trélicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

REFÚGIO e LIBERDADE

Escritor e acadêmico congolês inicia temporada na UFMG como residente; iniciativa é parte de acordo com rede internacional

Itamar Rigueira Jr.

O campus Pampulha abriga, desde o início de junho, o primeiro escritor estrangeiro que chega por meio do acordo da UFMG com a International Cities of Refuge Network (Icorn), rede de cidades e regiões que recebe escritores e artistas refugiados que sofrem com a falta de liberdade de expressão em seus países de origem. Há 11 anos, Felix Ulombe Kaputu, da República Democrática do Congo (RDC), foi obrigado a deixar seu país, onde trabalhava como escritor, pesquisador e professor universitário.

A UFMG, por meio da Diretoria de Ação Cultural (DAC), é responsável por todos os aspectos relacionados à presença e atuação de Kaputu no Brasil. O acordo, que prevê estada pelo período de um ano, prorrogável por mais um, foi objeto de esforço de três anos, liderado pela DAC, que possibilitou a adaptação do convênio padrão proposto pelo Icorn, uma vez que as parcerias são geralmente estabelecidas com cidades.

Felix Kaputu lecionou até 2006 na Universidade de Lubumbashi, província de Katanga, onde obteve os títulos de doutor em literatura inglesa e literatura comparada. Na volta de uma viagem a trabalho, foi detido pela polícia do regime, sob acusação de tráfico de armas em benefício da oposição. “Foi uma acusação absurda. Meu ‘crime’ era estar aberto a todos os estudantes, independentemente de crença política, e pregar a crença na ciência e não em partidos”, afirma o escritor, que ficou quatro meses encarcerado em condições “horríveis, inimagináveis”. Depois de liberado, soube que sua vida estava em risco e decidiu sair da República Democrática do Congo. “No mínimo, eles não tinham certeza sobre minha posição com relação ao governo e sabiam que eu contava com vasta rede de contatos no exterior, o que me tornava inconveniente”, diz Kaputu.

Felix Kaputu passou um ano em Harvard (EUA), pesquisando aids e gênero, lecionou na New York State University, esteve em Tóquio e Kioto, no Japão, para estudos – sob perspectiva comparada – de xamanismo e religiões africanas e japonesas e passou pelo Massachusetts College of Arts and Design (EUA), onde ensinou literatura, arte e filosofia africanas. Nos últimos anos, lecionou e fez doutorados em antropologia e estudos interdisciplinares na Bélgica. Em 2016, esteve na Polônia, já com suporte do Icorn.

Autor de dois livros acadêmicos e cinco de ficção – entre eles *Jo-Mary: black free slave* (Paperback), que trata da saída de negros escravizados da África, e *Wall Street re-berlinguel’Afrique* (L’Harmattan), sobre a reconquista do continente africano por meio das guerras econômicas –, Kaputu vai aproveitar a temporada no Brasil para escrever nova obra, em que abordará os contrastes entre discurso e ações de políticos e governantes.

Aprender português

O escritor e acadêmico deixou, na RDC, esposa e três filhas, que ele já reencontrou em seu período de exílio, mas que não têm mais permissão de deixar o país. Ele diz que não está feliz com essa situação, mas que se realiza porque se sente útil nos países que o têm abrigado e porque contribui, a distância, com colegas e estudantes na Universidade de Lubumbashi. “Já não choro mais, porque estou ainda mais produtivo. Minha missão não foi comprometida, tornou-se universal.”

Fluente desde criança em francês, idioma dos colonizadores belgas, e em inglês, em razão do contato com a família materna, na vizinha Zâmbia, Kaputu diz que está ansioso por aprender português. “Quero poder me virar sozinho, compreender melhor as questões locais nos estudos de antropologia e falar da África em português para os estudantes brasileiros”, explica Félix Kaputu.



Carol Prado/UFMG

Felix Kaputu: missão universal

Oportunidade preciosa

“Esta é uma oportunidade preciosa para a UFMG, não apenas porque se trata de um refugiado político que necessita de apoio, mas também porque o professor Felix Kaputu é um artista e acadêmico com trajetória relevante, que tem muito a contribuir com nosso fazer acadêmico, por meio da interação de saberes”, comemora a vice-reitora Sandra Goulart Almeida, que assinou em janeiro deste ano o convênio com o Icorn. A entidade conta com a parceria de 65 cidades e já apoiou mais de 170 artistas e escritores, selecionados com aval do PEN International.

A diretora de Ação Cultural, Leda Martins, que coordena o programa na UFMG, destaca a iniciativa como forma de a UFMG reafirmar seu compromisso com a liberdade de expressão. “A Universidade tem história de luta pela democracia, e o direito de expressão é o que faz uma sociedade plena. A presença de Félix Kaputu será muito rica para a UFMG, já que ambos valorizam a transversalidade de conhecimentos”, diz Leda, que esteve nos últimos três encontros do Icorn, na Holanda, na França e na Noruega, país-sede da organização.

Em todas as etapas do processo de abrigo do escritor exilado, a DAC conta com apoio de comitê formado por professores de diversas áreas do conhecimento e equipe de administração. O comitê indicou um de seus membros, a professora Lucia Castello Branco, da Faculdade de Letras, para atuar como orientadora do plano de trabalho de Kaputu na Universidade.

CINCO décadas de RESISTÊNCIA

Festival de Inverno da UFMG reforça seu caráter experimental e acadêmico na edição em que comemora 50 anos de fundação

Da redação

A exemplo das edições de 2014, 2015 e 2016, o 49º Festival de Inverno será realizado neste ano em diferentes espaços da UFMG em Belo Horizonte, consolidando sua identificação com a capital mineira. As atividades desta edição – comemorativa dos 50 anos de sua fundação – vão se dividir entre a Praça Duque de Caxias, no bairro Santa Tereza, a Praça da Liberdade, na Savassi, o Conservatório, no centro, e a Faculdade de Letras, a Escola de Belas Artes, o Teatro Universitário, a Escola de Música, a Praça de Serviços e o auditório da Reitoria, no campus Pampulha. Toda a programação do evento é gratuita, inclusive as oficinas e minicursos.

Um grande palco será montado nas proximidades da Reitoria para alguns espetáculos artísticos – como um show de Mônica Salmaso, que cantará a obra de Vinícius de Moraes no dia 2, às 19h30, e a cantata cênica *Carmina Burana*, montada pelo Núcleo de Música Coral da UFMG. Na cantata, que mistura música, teatro e dança, são executados ao vivo o coral, a percussão e os pianos. O espetáculo será encenado na segunda-feira, 31 de julho, às 19h30.

Paralelamente, alguns espetáculos serão apresentados no auditório da Reitoria. Uma dessas atrações é o sarau *De tempos somos*, em que o Grupo Galpão, em proposta experimental, foge justamente do rótulo “espetáculo” para explorar um formato artístico festivo, misturando canto e poesia, música e teatro. A apresentação ocorre às 20h do dia 28 de julho, sexta-feira, na abertura do evento. Uma semana depois, na noite do encerramento do Festival, dia 5, o mesmo espaço receberá a Companhia Brasileira de Teatro, que vai apresentar o espetáculo *Isso te interessa?*, sob a direção de Marcio Abreu.

Em razão do cinquentenário, a curadoria desta edição se esforçou para incluir na programação representações dos grupos que nasceram no âmbito do Festival. Além do sarau do Grupo Galpão, haverá uma oficina de Paulo Santos, cofundador do Grupo Uakti, e outra de Ione de Medeiros, do Grupo Oficcina Multimídia.

Longevidade

A atual edição é comemorativa dos 50 anos da criação do Festival, que estreou em 1967, em Ouro Preto, e cumpriu tem-

poradas em Diamantina, São João del-Rei, Poços de Caldas e Belo Horizonte, antes de desembarcar definitivamente na capital mineira, em 2014. “É o mais longo Festival do país. Ele também se destaca por ser financiado pelo próprio plano orçamentário da Universidade”, explica a professora Leda Maria Martins, diretora de Ação Cultural. A DAC é a responsável na UFMG pela organização do Festival.

Leda lembra que, mesmo quando contou com patrocínio externo, o evento conseguiu manter sua independência curatorial, não se submetendo aos ditames do mercado da cultura e à sua tendência ao espetacular. “O Festival é um evento não apenas de criação artística, mas também de experimentação e de formação. Na UFMG, ele é considerado uma atividade acadêmica”, explica a diretora.

Em razão da data, coordenação e curadoria buscaram para esta edição um tema que representasse uma marca permanente do Festival – daí a escolha do mote *Criação e resistência: poéticas da transformação*. “Estamos falando da resistência a todas as intempéries por que o Festival passou, desde a falta de dinheiro até a opressão da ditadura”, reitera a professora Mônica Medeiros Ribeiro, coordenadora geral do evento. Em razão dessa temática, toda a programação do Festival está de alguma forma atravessada pela reflexão sobre o caráter político da arte, ou melhor, sobre o processo e a ação artística como processo e ação de resistência política.

O 49º Festival de Inverno da UFMG abrigará três minicursos, 19 oficinas e seis aulas abertas, que resultarão em 24 classes – além de residências artísticas, novidade desta temporada, que retomam tradição das primeiras edições do evento.

Casa para a arte

Neste ano, o Festival de Inverno abrigará duas residências artísticas – uma sobre música e outra sobre teatro de bonecos de balcão. Elas vão possibilitar que artistas residentes convivam por oito dias, durante oito horas por dia, com um artista convidado de grande experiência e renome.



Cenário do Museu Giramundo: grupo vai ministrar oficina de bonecos durante o Festival

A aposta é que dessa convivência resulte a produção de um trabalho ou exercício artístico orientado e experimental. “Dentro das atuais possibilidades financeiras, nós nos perguntamos como poderíamos retomar a característica imersiva que o Festival tinha no passado – seja pelo tempo que as pessoas passavam no evento, que durava um mês inteiro, seja por ele ocorrer em cidades menores, que condensavam a experiência”, diz Mônica. “A residência foi a forma que encontramos de nos reaproximar dessa característica que o evento tinha no passado.”

A residência *Oficina da música universal* será ministrada pelo multi-instrumentista, compositor e arranjador paulista Itiberê Zwarg, que há 40 anos se apresenta com Hermeto Pascoal e mantém, há 20, uma profícua carreira solo. Já a residência *Oficina de construção de bonecos de balcão* será ministrada por integrantes do Grupo Giramundo, de Belo Horizonte, em mais uma atividade de um grupo cujo nascimento se relaciona diretamente com a história do Festival. Serão aceitos até 20 artistas em cada residência.

Em sua atividade, Itiberê vai desenvolver a escuta de seus residentes como ferramenta de produção musical, além de trabalhar o talento de cada participante no contexto coletivo de criação – sempre no trânsito entre o erudito e o popular. Já na residência do Giramundo serão trabalhados os métodos de desenho de projetos desenvolvidos por Álvaro Apocalypse, um dos criadores do grupo. Na atividade, os participantes poderão desenvolver seus próprios bonecos.

Frutos acadêmicos

Ao menos duas teses já foram escritas na UFMG tendo o Festival de Inverno como tema. Em 2011, Fabrício Fernandino defendeu, na Escola de Belas Artes, o trabalho *20 anos do Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais: 1967 a 1986*.

Antes, em 2007, Guilherme Paoliello já havia defendido o trabalho *A circulação da linguagem musical: o caso da fundação de educação artística (FEA-MG)*, na Faculdade de Educação. Na tese, Paoliello discute a circulação da linguagem musical – seja via escolarização, seja via produção cultural – no Festival, considerando também as suas duas primeiras décadas, período em que o Festival se consolidou como evento que coaduna ensino, pesquisa e extensão. Os dois trabalhos estão disponíveis para consulta na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFMG.



Ensemble, de Artur Andrés (à esquerda) e convidados

Sylvio Coutinho



Paulo Santos, ex-Uakti, ministra oficina *Objetos Sonoros e Composição*

Divulgação



Espectáculo Narciso deu um grito, de Marcelo Veronez

Randolpho Lamonier

Louco **EMPODERAMENTO**

Tese da Psicologia analisa experiências autonomistas de pessoas com sofrimento mental

Ana Rita Araújo

O programa *Louca sintonia*, produzido e veiculado pela Rádio UFMG Educativa, e o coletivo de teatro *Sapos e afogados* foram objeto de estudo de tese de doutorado recém-defendida no Programa de Pós-graduação em Psicologia que analisou o potencial dessas experiências como estratégias de empoderamento de cidadãos em sofrimento mental. Em pesquisa participativa, a professora Regina Céli Fonseca Ribeiro, do Departamento de Terapia Ocupacional, procurou identificar, nas duas iniciativas, princípios essenciais da atenção psicossocial, como autonomia, protagonismo e militância.

“Conseguimos perceber, durante o estudo, o potencial da experiência radiofônica na luta contra o estigma, ao fazer circular um outro olhar, possibilitar reflexões e provocar discussões a respeito da loucura e da questão da militância, que também é uma estratégia de empoderamento”, comenta a autora. Segundo ela, os participantes usam suas vozes para, com base nas próprias experiências de sofrimento, estimular a reflexão do ouvinte sobre o estigma relacionado à loucura e suas consequências.

“Os depoimentos gravados, as letras das músicas compostas pelos usuários, os relatos de experiência e as entrevistas ganharam contornos de narrativas pessoais da vida com transtorno mental, reconhecidas como uma das estratégias de empoderamento importantes no processo de recuperação em saúde mental”, enfatiza Regina Ribeiro, autora da tese *Experiências autonomistas em saúde mental: possibilidades de empoderamento*. Ela explica que as duas experiências propiciam ao participante a oportunidade de refletir e construir sua própria concepção de mundo, o que pode levar a uma transformação. “Autonomia e empoderamento parecem sinônimos, mas este último conceito é consequência do primeiro e pressupõe emancipação. Entendo que desenvolver uma práxis reflexiva é o primeiro passo para que o sujeito desenvolva autonomia”, pondera a professora, destacando que o teatro e o rádio oferecem essas possibilidades.

Experiências

A oficina de rádio surgiu em 2014, como proposta de disciplina curricular do curso de graduação em Terapia Ocupacional, à época coordenada pela professora Regina Ribeiro, no Centro de Convivência São Paulo. O serviço comunitário substitutivo ao manicômio funciona no bairro São Paulo e é referência na militância da saúde mental na capital mineira. “Negociando com a gerência do serviço, chegamos à ideia de propor uma oficina feita pelos usuários”, relembra a professora. O programa foi imediatamente acolhido pela UFMG Educativa, que, segundo a professora, tem um formato de trabalho muito parecido com a proposta da disciplina – horizontalizado, com produção coletiva e colaborativa. O primeiro programa foi ao ar em dezembro daquele mesmo ano. Até hoje, em oficinas semanais, os usuários do serviço têm a liberdade de falar, cantar, produzir e realizar entrevistas. Eles também participam da seleção e da edição do material, que é veiculado no fim de cada semestre, em programa com uma hora de duração.

Ao iniciar o doutorado, Regina Ribeiro se afastou da coordenação e “entrou na experiência”, na modalidade pesquisa-intervenção. Além do *Louca sintonia*, a autora analisou o trabalho do

Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados, coletivo autônomo cujos atores são cidadãos em sofrimento mental. “No grupo de teatro pude ver o potencial e o processo de produção de autonomia em relação ao funcionamento do coletivo e ao processo de criação”, diz a pesquisadora, que utiliza o ‘filósofo da autonomia’, Cornelius Castoriadis, como uma de suas principais referências ao estudar o conceito.

Acompanhando o processo de criação do espetáculo *Caminho*, do Sapos e Afogados, foi possível perceber que a autonomia “se encontra com a criação, na criação e em criação”, enfatiza a pesquisadora. Ela ressalta que a autonomia individual se produz “em ato e no ato criador”, traduzindo-se em autonomia coletiva a cada espetáculo que entra em cena, “transparecendo para o público como competência, qualidade artística e empoderamento”.

No processo de criação teatral, diz Regina Ribeiro, o que era da ordem do delírio atravessava as cenas, mas não se cristalizava como sintoma, traduzindo-se em ato criativo capaz de produzir encantamentos.

Desdobramentos

Um dos desdobramentos do *Louca sintonia* foi a criação do programa *Conexões ao vivo*, que a Rádio UFMG Educativa veicula anualmente durante a Semana de Saúde Mental, em comemoração à Luta Antimanicomial. Em 2015, o *Conexões* foi realizado e transmitido ao vivo, do centro de convivência, com a participação de professores da UFMG e de convidados, como o psiquiatra italiano Ernesto Venturini.

O espetáculo *Caminho*, cujo processo de criação foi acompanhado por Regina Ribeiro, apresentado na abertura da Semana de Saúde Mental da UFMG de 2016, “marcou os espectadores de tal forma que seus diálogos e cenas foram lembrados em vários momentos da Semana, catalisando muitas discussões”, relembra a pesquisadora.

As falas dos atores, como “eu preciso de alguém que me olhe nos olhos” e “somos feitos de carne”, nomearam grupos de trabalho durante o evento e provocaram reflexões, por exemplo, sobre a solidão, abordada no tema da edição 2016: *Por uma vida menos solitária*.



Foca Lisboa/UFMG

Em 2015, o centro de convivência do bairro São Paulo abrigou transmissão do programa *Conexões ao vivo*, da Rádio UFMG Educativa

JOGO DO LIVRO

Até o próximo dia 31, está aberta a chamada para apresentação de trabalhos no 12º *Jogo do livro* e no 2º *Seminário latino-americano: palavras em deriva*, que serão realizados na Faculdade de Educação da UFMG (FaE). O objetivo do encontro, constituído de dois eventos, é promover reflexão sobre o texto poético e seus desdobramentos decorrentes dos contatos entre oralidade e escrita e entre linguagens.

O evento é destinado a professores da educação básica e do ensino superior, estudantes de graduação e pós-graduação em Pedagogia, Letras, Belas Artes, Ciência da Informação, Design, além de escritores, ilustradores, bibliotecários, editores, críticos literários e demais interessados. Os eixos temáticos dos trabalhos deste ano são Ensino de literatura e resistência; Formação do leitor de literatura; Literatura, design e edição; Literatura: meios e mediações. As regras para submissão, as datas e os valores de inscrição estão disponíveis no endereço <http://bit.ly/2sLdlzz>.

LIBRAS

De 1º a 4 de agosto, a Faculdade de Letras recebe o 1º Colóquio Interpretação de Línguas de Sinais em Contextos Comunitários: Saúde, Educação e Justiça. As inscrições, gratuitas, podem ser feitas por meio de formulário disponível no site do Colóquio: <http://bit.ly/2tQ2jN3>. As vagas são limitadas.

O evento foi criado para ser um espaço de discussão sobre a atuação de tradutores e intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em diferentes ambientes sociais, de modo a favorecer o acesso de surdos aos serviços básicos de saúde, educação e justiça. O colóquio será bilíngue, como todas as atividades, que contam com interpretação Português/Libras e Libras/Português.

A programação preliminar prevê mesas-redondas, comunicações e pôsteres de pesquisas sobre interpretação de línguas de sinais em contextos comunitários, em diferentes abordagens teóricas e metodológicas – além de palestras de pesquisadores da UFMG e de conferências de pesquisadores de outras universidades.

EX-LIBRIS

A Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras (Dicolesp) da Biblioteca Universitária da UFMG recebeu, recentemente, 22 ex-libris doados pelo bibliotecário e colecionador Alexandre Medeiros. Expressão em latim que significa “Dos livros”, ex-libris é uma marca inscrita em vinheta, geralmente colada na contracapa ou na página de rosto de um livro, para indicar quem é seu proprietário.

Em geral, a marca também contém um brasão ou desenho e a expressão “ex-libris”, seguida do nome do proprietário. Serve, assim, como complemento circunstancial de origem que indica que determinado livro é propriedade de alguém ou de alguma biblioteca. “Resolvi doar todos os ex-libris do meu acervo para a UFMG, onde poderão ser mais bem cuidados, estudados e apreciados”, justifica Alexandre Medeiros.



Carla Pedrosa/BU

INOVAÇÃO E METODOLOGIAS

A organização do 3º Congresso de Inovação e Metodologias no Ensino Superior, que será realizado de 8 a 10 de novembro, recebe propostas de trabalhos até 1º de agosto. Promovido pela Diretoria de Inovação e Metodologias de Ensino (GIZ), o congresso vai incentivar a reflexão sobre fatores responsáveis pela inovação nas práticas didático-metodológicas no ensino superior de graduação. O ponto de partida são os movimentos denominados conexão, contribuição, compartilhamento, colaboração e cooperação. Mais informações estão disponíveis no site do congresso: <http://bit.ly/1JRn3AM>.

TRABALHO INFANTIL

Profissionais da rede socioassistencial que atuam na defesa da garantia de direitos de crianças e adolescentes podem se inscrever, até 1º de agosto, no curso *Medidas protetivas e enfrentamento do trabalho infantil*, que será realizado nos dias 4 e 5 de agosto, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich). As inscrições devem ser feitas em formulário on line (<http://bit.ly/2uieovd>).

Oferecido pela Rede Brasileira de Monitoramento e Avaliação, o curso foi elaborado com o propósito de qualificar para o enfrentamento do trabalho infantil, com base na análise e na compreensão da legislação protetiva nacional e internacional sobre o tema e seus desdobramentos: as idades para o trabalho, formas degradantes de trabalho infantil, aprendizagem, sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente.

CEDEPLAR

Sede de um dos mais antigos programas brasileiros de pós-graduação em economia, o Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar) da Faculdade de Ciências Econômicas (Face) comemora 50 anos de fundação, com a realização do seminário internacional *Um olhar para o futuro*.

O evento será aberto no dia 16 de agosto, com a mesa *Big data, políticas públicas e desenvolvimento*. As atividades do seminário continuam com a realização de mesas de 28 a 31 de agosto e de 4 a 6 de setembro, sempre no auditório 1 da Face. A programação pode ser consultada no site do evento: <http://bit.ly/2tPAxjQ>. As inscrições para as mesas devem ser feitas pela internet: <https://niag.face.ufmg.br/app/formulario/cedepplar50anos/index.html.php>.

O Cedeplar também lançou concurso de artigos científicos, que recebe inscrições até 6 de novembro. As informações sobre a premiação estão no edital que pode ser consultado em <http://bit.ly/2tPPTVj>.

Em **DEFESA** do patrimônio **DOCUMENTAL**

Biblioteca Universitária e ECI desenvolvem atividades em parceria com a Unesco no âmbito do Programa Memória do Mundo

Carla Pedrosa*

Visitas técnicas, reuniões temáticas e oficinas com a equipe das bibliotecas da UFMG estão entre as atividades realizadas nos últimos dois anos pelo Comitê Nacional do Programa Memória do Mundo da Unesco (MoWBrasil), em parceria com a Biblioteca Universitária (BU) e a Escola de Ciência da Informação da UFMG (ECI).

“O objetivo é estreitar os laços entre o Comitê Nacional e a UFMG e divulgar as ações da Unesco em prol do patrimônio documental nacional”, explica a bibliotecária Diná Araújo, que tem mediado os contatos entre a UFMG e o MoWBrasil. Empossada no Comitê Nacional do Programa Memória do Mundo da Unesco em 2015, Diná é representante dos acervos bibliográficos e documentais em instituições de ensino e pesquisa no Brasil.

Neste ano, já foram realizadas na UFMG oficinas para divulgar o Programa *Memory of the World*, da Unesco e para orientar as instituições no preenchimento do edital 2017 do MoW Brasil (<http://bit.ly/2vgoE3y>), cujas inscrições se encerram no dia 31 de julho. “Os candidatos devem ter atenção em fazer o preenchimento completo de todos os itens da proposta, já que um item não preenchido pode provocar a desclassificação”, explica Diná. Ela também enfatiza que, para concorrer ao selo, é necessário que os documentos tenham relevância para a memória nacional brasileira.

Em trabalho conjunto com especialistas docentes e técnicos da UFMG, o Sistema de Bibliotecas submeteu ao Edital 2017 o *Testamento de Martim Afonso*, que integra a Galeria Brasileira, doada para a UFMG em 1971. Datado de 1533, o documento trata das disposições finais de Martim Afonso de Souza – um dos primeiros exploradores e capitães donatários do Brasil – e de sua mulher Ana Pimentel, que também participou da colonização do país, quando o marido foi transferido para ocupar o cargo de vice-rei da Índia. O resultado com o nome dos selecionados no edital de 2017 será divulgado no dia 9 de outubro em <http://mow.arquivonacional.gov.br/>.

Próximas ações

O seminário *Programa Memória do Mundo Comitê Nacional do Brasil: documentos brasileiros* está entre as atividades que serão realizadas neste segundo semestre e integrará as comemorações dos 90 anos da UFMG. Para tratar de questões referentes à organização do evento, a Biblioteca Universitária recebeu, recentemente, Adauto Cândido Soares, coordenador de comunicação e informação da



Carla Pedrosa/BU

Testamento de Martim Afonso de Souza, submetido ao edital 2017 do programa Memória do Mundo – Brasil

Unesco no Brasil, e Maurício Vicente Ferreira Junior, presidente do Comitê MoWBrasil e diretor do Museu Imperial. Ficou definido, em reunião com os representantes da Unesco e do MoWBrasil, que o Seminário será realizado nos dias 3 e 4 de outubro, no Auditório Azul da Escola de Ciência da Informação, com o objetivo de fomentar discussões relacionadas ao patrimônio documental brasileiro.

“Em conjunto com a bibliotecária representante – Diná Araújo –, trabalhamos para que as discussões sobre o MoWBrasil estejam presentes em eventos técnico-científicos da Biblioteconomia no Brasil e na América Latina. Apoiar a realização do Seminário na ECI significa, sobretudo, que a gestão da BU é sensível às questões do patrimônio e da memória na UFMG e à necessidade de capilarizar essas discussões nacional e internacionalmente”, afirma o diretor da Biblioteca Universitária, Wellington Marçal de Carvalho.

A professora Terezinha de Fátima Carvalho, diretora da Escola de Ciência da Informação, explica que as temáticas que serão tratadas no evento coincidem com aquelas estudadas nos cursos de graduação em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia da ECI. “Temos prazer em receber o evento em apoio ao Comitê MoWBrasil. Será uma oportunidade especial para nossos alunos e professores”, enfatiza.

Entre os destaques da programação, está a participação do professor Ray Edmondson, da Universidade de Canberra/Austrália. O pesquisador dedicou os últimos 20 anos de sua carreira à implementação do Programa Memory of The World naquele país. Doutor em Filosofia e com vasta produção dedicada aos arquivos audiovisuais, Edmondson lançará um livro em língua portuguesa durante o seminário.

Mais informações sobre o evento serão divulgadas em breve, no site da Biblioteca Universitária (www.bu.ufmg.br).

*Jornalista da Biblioteca Universitária